

Um programa espacial

Sempre que o espaço incita as investigações de artistas, nos vemos diante de questões que mobilizam interesses comuns entre arte, geografia, física e astronomia.

Em **Horizonte de eventos**, Vânia Medeiros partilha conosco o que poderíamos chamar de programa espacial, disparador de um conjunto de vivências que deram origem a obras recentes. Nelas, se fazem visíveis e sensíveis seus embates com o os usos do tempo (livre) e dos espaços (públicos).

Sozinha ou acompanhada de outros pesquisadores-colaboradores, Vânia se coloca em estado combustão a cada nova pesquisa que tem no desenho seu ponto de contato com a realidade. Em seu *modus operandi* investigativo, a artista agencia outros desejantes de integrar as etapas rigorosas e fluidas de seu programa de deslocamento por terra, água, ar, paredes e papéis – espaços gestados entre ficção e realidade.

Por exemplo, no exercício de desenhar lugares como ato de constituir mundos, na série **Constituição**. Feitos com fragmentos de mapas do Brasil recortados de livros didáticos, os territórios inventados pelo gesto da mão se conectam por manchas e linhas feitas com pigmentos minuciosamente impregnados pela artista, como testemunho de quem que já esteve naquelas superfícies quando as inaugurou no espaço do papel.

Na busca por recolher e registrar entendimentos e usos da noção de liberdade no filme e no livro do projeto **O momento é meu | Der Augenblick ist mein**, Vânia se desloca com a artista alemã Rebecca Budde por diversas cidades. Entre conversas, desenhos e registros do cotidiano em fotografias e vídeos, ambas buscam definições do que é ser livre como experiência entendida e praticada por outros, tendo nesses percursos o contraponto para as escutas de vivências de duas mulheres que viveram as privações do encarceramento.

Em **O desenho como férias**, projeto que se desdobra em fotografias e livros de artista, podemos ver paisagens que, ainda que testemunhadas pela fotografia, não desistem de ser desenho. Podemos pensar sobre o que significa para nós este “estado de férias”, já que faz parte do programa espacial da artista a possibilidade de nos darmos tempo para escolher o que fazer - com recursos para estar vivo de desejos e silêncios, de trocas e escutas. E para, principalmente, em suas palavras: “Cultivar um tipo específico de organização mental”.

Este cultivo do estado de férias nos prepara para nos lançarmos a outras empreitadas e, com Vânia, inventarmos e ocuparmos outros espaços públicos, quem sabe passando **Férias em Marte**, título do trabalho em que a pintura é feita com a força do corpo que ocupa cada milímetro quadrado da lona que lhe dá suporte. Ao nos projetarmos para Marte com ela, paisagem fictícia e nem por isso menos real, nos questionamos sobre quais os desejos dos terráqueos e suas ambições de deslocamentos para fora do planeta feito de terra e tijolo: os vivos da terra.

Atravessa a mostra uma vontade de desenhar a liberdade, contorná-la, lhe dar nomes e formas – aprender como se pode colocá-la em movimento, praticá-la. E aí reside a grande urgência de conversarmos sobre muitas das inquietações contemporâneas que partilhamos por estarmos vivos hoje, no Brasil, em 2020.

Enfrentar o espaço da exposição com a mesma intensidade que a artista se coloca em seu fazer-arte nos evidencia a precisão e objetividade que constitui cada desenho, vídeo, livro, pintura, e evoca ainda as oficinas, aulas, residências e tantas outras instâncias de arte-vida partilhada no aqui-agora.

Aventuremo-nos na corrida espacial de Vânia Medeiros.

Valquiria Prates
curadora